

o antropólogo José Luís dos Santos, do Conselho Nacional de Pesquisa e o Museu Emílio Goeldi, de Belém do Pará. No extenso relatório que apresentou à Funai e à Vale do Rio Doce, em março deste ano, José Luís dos Santos, observa que algumas modalidades de aplicação dos recursos não obtiveram o sucesso almejado.

A grande preocupação do antropólogo situa-se, na verdade, na demarcação das terras dos índios. Ele entende que, em face dos impactos sócio-econômicos decorrentes do Projeto Carajás, os krikati não pode ser sacrificados. Ele se preocupa com a evidência com que os fazendeiros começam a olhar para o restante das terras dominadas pelas aldeias.

cional foi contida pelos problemas que lhes levaram a civilização. Doenças principalmente.

Desde o ano passado, a Centrais Elétricas do Maranhão está realizando, na aldeia São José, uma das mais importantes dos krikati, obras de infraestrutura, como parte das indenizações negociadas em 1979 pela passagem de sua rede de transmissão pelo território. E a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), para compensar investidas na região, desenvolve um convênio que já proporcionou aos índios a aquisição de equipamentos agrícolas, oficinas e armazéns, embora sua utilização não venha correspondendo às expectativas.

Para acompanhar a evolução do convênio, a CVRD designou

se instalam na região e estão promovendo periódicas reuniões para decidir que fazer imediatamente.

A história dos krikati, remanescentes do Jê, subdivisão Timbira Oriental, é toda marcada por perdas substanciais de seu patrimônio. Krikati significa aldeia grande, um reflexo de sua organização social. No século passado, a "aldeia" se espalhava pelo que são hoje os municípios de Amarante, Montes Altos, Sítio Novo e Imperatriz. Em 1854, o padre Manoel Procópio, missionário da Colônia Militar de Santa Teresa, base sobre a qual Imperatriz se desenvolveu, registrou a presença de 302 deles na região. Hoje, eles somam 347 pessoas - sinal de que a expansão do contingente popula-

Imperatriz: tensão entre índios

Um clima de inquietação começa a dominar as aldeias dos índios krikati, há quase dez anos à espera da demarcação de seu território, pontilhado por núcleo de posseiros tangidos das fazendas que se espalham na região de Imperatriz. Os índios não permitem o avanço da demarcação judicial autorizada desde o ano passado pela Justiça Federal e não abrem mão de uma área de 85 mil 500 hectares que os fazendeiros insistem em reduzir para pouco mais de 10 mil hectares.

O impasse foi criado e a comissão demarcatória comunicou ao Juiz Federal do Maranhão, em março deste ano, a impossibilidade de estabelecer os limites da área. Os krikati temem os efeitos do progressivo aumento dos contingentes de lavradores e fazendeiros que

9-6-85 - E.M.

